

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO—ANNO 50 (NUMEROS) 13000 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 500 RS.
FORA D'AVEIRO—ANNO (50 NUMEROS) 13125 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS 570) RS.
BRAZIL, (MOEDA FORTE) E AFRICA ORIENTAL.. 23000 RS.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

AS ASSIGNATURAS DEVEM SER PAGAS ADIANTADAS

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

NA SECÇÃO DOS ANUNCIOS—CADA LINHA 15 RS.
NO CORPO DO JORNAL—CADA LINHA 20 RS.
NUMERO AVULSO 20 RS., OU 100 RS. NO BRAZIL.
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—RUA DA ALFANDEGA NUMERO, 7

AVEIRO

PAZ?

A proposito da commemoração do anniversario da gloriosa revolução de 1820 aconselhavamos no nosso ultimo artigo de fundo, como tantas vezes temos aconselhado, o partido republicano a organizar-se fortemente para a lacta. Parece que a corrente da opinião e varios factos d'uma evidencia atroz, que se vão passando principalmente ha um anno para cá, levaram a convicção d'essa necessidade ao espirito d'alguns homens conhecidos pelos seus principios democraticos, pois que o *Seculo* declara que nos discursos com que se solemnizou em Lisboa, no Club *Fernandes Thomaz*, a data de 24 de agosto, se «frizou, em termos nitidos e alevantados, a disciplina e a união de que tanto carece o partido republicano para levar a cabo a grande obra da regeneração da patria.» Aquelle tanto carece é positivo, é claro e, principalmente, é verdadeiro. Sim, o partido republicano será impotente, será inutil, será um partido de declamadores enquanto não tiver a organização conveniente, organização que lhe dê a grandeza da concepção e a unidade indispensavel a todos os agrupamentos politicos. O que vimos nós dizendo ha quatro annos? Não é isso? Porque vimos nós trabalhando ha tanto tempo? Não é por isso? E como nos responderam sempre? Com a mais refalsada hypocrisia, com a mais descarada deslealdade que se possa imaginar e com a mais infame das calumnias. E succederá a mesmissima cousa de futuro.

Nós não acreditamos nas palavras do *Seculo*. Em primeiro lugar ainda ha pouco lèmos no nos-

so collega a *Sentinella da Fronteira*, que o lugar tenente do sr. Elias Garcia desatara um dia d'estes em qualquer chafarica nas mais duras invectivas aos representantes do radicalismo em Portugal. Que não estavam alli, que apparecessem! Tonto. Dê graças a Deus de muitos não poderem apparecer n'essas chafaricas por varias circunstancias particulares. Se podessem, talvez que os chefes tivessem descido mais no lodo do que teem descido, e na especialidade o seu amo e senhor. Julgaria o famoso tenente que esses individuos receiam a sua eloquencia? Julgaria que teriam medo da cotterie dos clubs? Duas vezes tonto.

Em segundo lugar, constanos que o discurso do proprio sr. Magalhães Lima no club *Fernandes Thomaz* esteve muito longe d'esses appellos á concordia e união a que se refere o louro tribuno no *Seculo*. Mas quando taes factos não existissem, bastava-nos o conhecimento que temos da indole de certas pessoas para concluirmos e affirmar-mos abertamente que a concordia ou união no partido republicano é inteiramente impossivel. Todos a poderão desejar, todos a poderão aceitar com ardencia, mas quem não a deseja nem a aceita é a gente do *Seculo*. Alli ha o ferrão da vibora que só se encolhe com o frio. Foi o *Seculo* que dividiu o partido; será elle que impedirá a sua harmonia ou reconstituição. O tempo dirá quem se engana.

Suppondo, entretanto, que estamos redondamente enganados, isto é, que tanto a gente do *Seculo* como toda a gente do republicanismo quer sinceramente a união de todas as forças e grupos republicanos, compete-nos declarar desde já que não duvidaremos dar todo o nosso apoio a esse trabalho benemerito nas bases que temos delineado em dezenas d'artigos. E por mais que

nos accusarem de intransigencia, não seremos d'intransigencia ultra. Está claro que a situação, em que nos collocámos na imprensa republicana, não nos permite suspender o combate. Se podemos abrandar o tirotoio pessoal, não deixaremos de combater tenazmente a politica dos nossos adversarios até ao dia em que um congresso geral sancione a união de todos os grupos. Mas arranquem um *modus vivendus* honroso para todos e nós deporremos sem hesitar a carabina audaz de guerrilheiro para empunhar a espingarda de soldado raso d'um grande partido.

Que mais querem? Não pedimos paz; nem o nosso temperamento é d'esses, nem as nossas munições de guerra se esgotam, nem o nosso braço se cansa. Mas aceita-la-hemos honrosa, parta ella d'onde partir. E estamos certos de que será accete commosco por todos que applaudem a nossa conducta.

E digam depois que não foi principalmente o nosso combate sem treguas que levou ao partido republicano a organização de que carecia!

REPUBLICANICES

«Na harmonia dos actos com as palavras de cada um é que reside o principal esteio de dignidade e independencia politica.» (Magalhães Lima—Processo da Monarchia—pg 47)

Viva, viva, sr. Magalhães Lima, que vae apanhar uma tosa que se... que se amola, do seu querido e talentoso (sic) amigo o sr. Ernesto Loureiro! Como ousa v. ex.ª ou v. ex.ª, ou vocemecê, como queiram os seus escrupulos democraticos ou como queiram os leitores, como ousa,

repetimos, *condemnar assim, com uma pennada* (vid. *Verdade*) um eminente vulto como o sr. Julio de Mattos, que, depois de se ter fardado de *pregar* contra os preconceitos religiosos, foi fazer o signal da cruz aos pés do confessor? Como ousa v. ex.ª *condemnar assim, com uma pennada*, o eminentissimo redactor do seu jornal o sr. Alves Correia que depois de ter andado a monte a espatifar a religião foi lançar o *poenitet* me aos pés d'um padre para obter a estrella dos seus sonhos? Isso é uma pouca vergonha, sr. Magalhães Lima! Isso é um attentado tão revoltante, que nem merece classificão! Ouça o que diz o seu amigo Loureiro na *Verdade*! Ouça, ouça:

«Ora, estar á espreita d'um livre pensador, a vêr se elle entra n'uma igreja, ou para sêr testemunha d'um acto religioso, ou porque vae alli por uma causa qualquer justificavel (!), para vi-rêr logo denunciá-lo, o que será? Eu abstenho-me de o classificar.»

Pois v. ex.ª põe-se á espreita do sr. Julio de Mattos e do sr. Alves Correia. vêm-os denunciar cá fora, vem dizer que não teem dignidade nem independencia politica? Que fizeste, mansissimo tribuno? Então apanha para teu tabaco, anda, do centurião Ernesto. Fica sabendo, desgraçado, que praticastes um acto que nem merece classificão!

Mas, oh ceus, o peor ainda não é isso. O peor não é levar do sr. Ernesto. Todos estão sujeitos a levar dos outros. O peor é levar de si proprio; o sr. Magalhães Lima desanca-se com uma furia lamentavel. Porque o sr. Magalhães Lima é muito bom rapaz, uma excellente pessoa, reconhecido em todo o paiz como tal. Mas tem um defeito, um unico defeito, que todo o mundo lhe con-

fessa com a mesma facilidade com que lhe chama *bom rapaz*:—*nunca na sua vida harmonizou os seus actos com as suas palavras. Logo, falla o sr. Magalhães Lima, eu não tenho dignidade nem independencia politica!* Safa, que é forte. E digam lá depois que sómos nós que o descompomos. Quem se descompõe é elle!

Mas venha cá, venha cá, seu Magalhães, que não se vae assim embora. V. ex.ª não só leva para baixo do sr. Ernesto, não só dá para baixo em si proprio, como faz levar para baixo todos os outros que o cercam. Isso então é feio. Levar do sr. Ernesto é negra ingratidão. Dar em si é... grandeza d'animo, generosidade. Comprometer os outros é acto ruim, acto de villão. E quer ver v. ex.ª como comprometteu os outros? Leia o que escreveu a paginas 30 do seu livro:

«De modo que a *Republica* foi, em geral, bem recebida pelo publico e ruidosamente aclamada pela massa trabalhadora. Consiglieri Pedroso já, por essa epocha, se mostrava o homem de talento, o apostolo infatigavel, o parlamentar distinctissimo, que todos hoje ahí admiramos. Os seus artigos eram procurados com anciedade e lidos com enthusiasmo. A *Republica* era *egualmente intransigente* para com o clericalismo e para com a realza, como os dois principaes cancores das modernas sociedades.»

Ai o sr. Consiglieri Pedroso era homem de talento, era apostolo infatigavel e era *intransigente* com o clericalismo e com a realza? Então espere ahí. Falla o Papa, e o Papa é infallivel:

«*Intransigencia é palavra que deve ser riscada da politica*. Eu não escrevo para adquirir applausos da ingenuidade popular, e se a minha consciencia me dita palavras que possam desagradar á

FOLHETIM

1789

(Conclusão)

(Os vencedores no Hotel de Ville. — Como a Bastilha se entregou—Morte do governador — Prisioneiros condemnados á morte—Prisioneiros perdoados. — Clemencia do povo)

O faubourg Saint-Honoré despovoava-se, julgando-se atacado d'istantes a instantes; a Villette estava nos mesmos transe e, de facto, foi occupada por um regimento, mas muitissimo tarde. Todas as demoras eram attribuidas a traição. As tergiversações do prevoste tornavam-n'o suspeito, assim como os electores. A multidão indignada reconheceu que perdia o tempo com elles. «Amigos, exclamou um velho, que fazemos nós aqui com estes traidores? Vamos á Bastilha! Tudo correu ao local indicado; os electores estupefactos acharam-se sós... Um d'elles sabiu mas voltou pallido, com o rosto transformado como o d'um espectro: «Não viveremos dois mi-

nutos se ficarmos aqui... A Grève estremece de raiva... Ei-los que chegam...» Nem tentaram fugir e foi o que os salvou.

Todo o furor do povo se concentrou no prevoste. Os delegados dos districtos vinham successivamente arremessar-lhe á cara a sua traição. Uma parte dos electores vendo-se comprometidos deante do povo, pela sua imprudencia e pelas suas mentiras, procuravam salvar-se voltando-se contra elle e accusando-o. Outros, como o bom velho Dussaulx (o traductor de Juvénal), e o intrepido Fauchet, procuravam defende-lo para, innocente ou culpado, o salvarem da morte. Forçado pelo povo a passar do bureau á grande sala Saint-Jean, cercaram-n'o e Fauchet assentou-se ao lado d'elle. Eram evidentes no rosto do desgraçado as angustias da morte; e vi-o, diz Dussaulx, ficar duas horas com um bocadito de pão na bocca sem força para o engulir. Cercado de papeis, de cartas, de pessoas que lhe vinham fallar de negocios, no meio de gritos de morte, esforçava-se por responder com affabilidade. Os do Palais-Royal e os do districto de Saint-Roch eram os mais encarnigados; Fauchet correu a pedir-lhes perdão. O districto estava reunido na igreja de Saint-Roch; duas vezes Fauchet subiu ao pulpito, pedindo, chorando, proferindo as palavras ardentes de que o seu grande coração era capaz n'aquelles momentos extremos; a sua capa, toda crivada das balas da Bastilha, não era por si só menos eloquente tamhem; parecia implorar pelo proprio

povo, por honra d'esse grande dia, que se deixasse immaculado e puro o borge da liberdade.

O preboste e os electores permaneciam entretanto na sala Saint-Jean, entre a vida e a morte. «Pareciam selvagens os que estavam alli, diz Dussaulx: às vezes olhavam e escutavam em silencio; outras vezes sabia da multidão um murmurio terribel, á semilhança de um rouco trovão. Alguns fallavam e gritavam, mas a maioria estava aturdida com a novidade do espectáculo. O barulho, o vozear, as novidades, os alarmes, as cartas apprehendidas, as descobertas verdadeiras ou falsas, tantos segredos revelados, tantos homens conduzidos ao tribunal, baralhavam o espirito e a razão; um dos electores exclamava: «Será isto o juizo final?...» O desvairamento chegou a ponto de se esquecer tudo, preboste e Bastilha.

Eram cinco horas e meia. Ouve-se um grito da Grève. Um grande ruido, que se escuta ao longe, avança, aproxima-se com a rapidez de o estrondo da tempestade... Estava tomada a Bastilha!

Nessa sala já cheia entram mil homens d'un jacto, impellidos por dez mil que vinham atraz. Estalam as carpintarias, voltam-se os bancos, a barreira é impellida de encontro á secretaría e esta de encontro ao presidente.

Todos armados, de maneiras esquisitas, uns quasi nus, outros vestidos de todas as cores. Um homem vinha aos hombros dos outros, coroado de louros; era Elie, cercado dos despojos e dos

prisioneiros. A frente, n'este tumulto, em que se não sentia o fusilar do raio, marchava um manco recolhido em si, cheio d'unção religiosa, com uma cousa impia espetada na ponta da sua bayoneta, tres vezes maldita, o regulamento da Bastilha.

Tambem vinham as chaves, essas chaves monstruosas, ignobeis, grosseiras, gastas pela acção dos seculos e pela dor dos homens. O acaso ou a Providencia quiz que fossem entregues a um homem que só as conhecia demais, a um antigo preso. A Assembléa Nacional collocou-as nos seus archivos, a velha machina dos tyrannos ao lado das leis que despedaçaram os tyrannos. E ainda hoje conservamos essas chaves, no armario de ferro dos archivos da Franca... Ah! assim se podessem vir encerrar n'esse armario de ferro as chaves de todas as Bastilhas do mundo!

A Bastilha não foi tomada, é preciso dizê-lo, entregou-se. A sua má consciencia perturbou-a, endoideceu-a, fez-lhe perder a cabeça.

Uns queriam a capitulação, outros faziam fogo, sobretudo os suissos, que, durante cinco horas, sem perigo, sem nenhuma probabilidade de ser alcançados, apontaram, visaram á vontade, derribaram quem queriam. Mataram oitenta e tres homens e feriram oitenta e oito. Vinte dos mortos eram pobres paes de familia que deixavam mulheres e filhos a morrer de fome.

A vergonha d'esta guerra sem perigo, o horror de verter sangue francez, o que nada importava aos suissos, aca-

baram por fazer cahir as armas das mãos dos invalidos. Os officios inferiores, ás quatro horas, pediram e supplicaram a De Launey que fizesse acabar aquelles assassinos. Como elle sabia o que merecia, teve por instantes a idéa, morrer por morrer, idéa horrivelmente feroz, de fazer saltar a Bastilha: teria destruido um terço de Paris. Os seus cento e trinta e cinco barris de polvora teriam levantado a Bastilha aos ares, esmagado e sepultado todo o faubourg, todo o Marais, todo o quarteirão do Arsenal... Pegou na mecha d'um canhão. Dois officios inferiores impediram-lha o crime; cruzaram bayoneta impedindo-lhe o accesso ao paiol. Tentou então suicidar-se com um punhal que lhe tiraram das mãos.

Tinha perdido a cabeça e não podia dar ordens. Quando os guardas francezes montaram os seus canhões e fizeram fogo, o capitão dos suissos viu bem que era preciso capitular e escreveu um bilhete (1) em que pedia para sahir com as honras da guerra — Recusado. — Depois, a vida salva. — Hullin e Elie prometteram.

A difficuldade era fazer executar a promessa. Impedir uma vingança accumulada desde seculos, irritada por tantas mortes a que acabava de dar lugar

(1) Para o ir buscar atravessou-se uma prancha nos fossos; o primeiro que se atreveu a pisa-la, cabiu; o segundo (Arné ou Maillard?) foi mais feliz e trouxe o bilhete.

Lisboa 23 de Agosto de 1886.

Illustre cidadão

A Associação Propagadora do Livre Pensamento roga a publicação no *Povo d'Aveiro*, do aviso abaixo transcrito e traduzido em parte, do que lhe foi enviado pela Federação internacional das sociedades livres-pensadoras, e que juntamente remette

O secretario
A. Silva

R. S. Bernardo, 21 — 2.º

AOS LIVRES PENSADORES

O congresso internacional da Federação universal das sociedades de livre-pensamento, tem lugar este anno em Lille (França departamento do Norte), e não em Roma como tinha sido proposto e admittido no congresso de 1885 realizado em Anvers. As sessões do congresso realizar-se-hão no (Hotel de la Prévoyante rue Leus, Lille) durante os dias 19—20—21 e 22 de setembro de 1886.

Os quesitos que figuram na ordem do dia são:

1.º— Ensino secular— Este ensino deve ser neutro no sentido indifferente aos dogmas religiosos, ou deve ser abertamente hostil ás creanças religiosas?

2.º— O que é o Livre Pensamento?— Exame das doutrinas philosophicas. Espiritualismo, Materialismo, Positivismo.

3.º— Pode-se separar a questão do Livre Pensamento da questão social?

4.º— Da importancia social do Livre Pensamento no passado, no presente, e no futuro.

5.º— Da influencia do hypnotismo sobre a responsabilidade moral.

6.º— Secularisação da sepultura— Cremação.

Não só os grupos filiados na Federação universal, como também as sociedades ainda não adherentes, e os livres-pensadores não fazendo parte de nenhuma sociedade, podem entrar no congresso ou faserem-se representar.

Todas as sociedades de Livre Pensamento, anti-clericaes, comunidades leigas, lojas maçonicas, todos os grupos racionalistas, quer sejam espiritalistas, materialistas ou positivistas, as sociedades de cremação ou de funeraes civis, enfim todos os grupos que tenham por objecto as livres indagações philosophicas ou as investigações scientificas, são convidados a tomar parte no Congresso de Lille, ou a adherirem enviando relatorios, estudos, observações, ou quaesquer outros trabalhos manuscritos ou impressos, referentes á ordem do dia do Congresso, e proprios a esclarecerem os debates da assembleia.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao secretario do conselho geral da Federação internacional, correspondente das Associações livres-pensadoras portuguezas, Mr. Emile Gorissen, ingenieur, rue Rogier, 150, Bruxelles, Belgique.

Carta de Lisboa

27 de agosto.

Continuámos na pasnaceira. Nem o caso das *trovas ao Mariano* veio quebrar a sensaboria em que Lisboa cabe todos os annos por este tempo.

Os leitores sabem já que caso é esse. Appareceram annunciadas nas esquinas umas *trovas* d'um João Saloio. A policia consente os referidos cartazes, mas quando vê que as trovas eram uma sa-raivada de fadisticos sobre o sr. Marianno de Carvalho, arranca-os violentamente. D'ahi reclamações, gritarias, commentarios nos jornaes etc. O *Correio Portuguez* atribue a paternidade das trovas ao sr. Urbano de Castro, redactor do *Correio da Manhã* e chama-lhe quantos nomes feios se podem imaginar. O sr. Urbano de Castro toma de facto a responsabilidade das trovas e manda desafiar o articulista do *Correio Portuguez*. Este não accieita o desafio, mas promete desancar o sr. Urbano de Castro onde o encontrar. E tica-am as cousas assim.

E' certo que o sr. Marianno de Carvalho merece tudo quanto lhe dizem. Tem sido agarotado toda a sua vida, tem sido calumniador de todo o mundo, tem empregado os processos mais torpes para viver e combater os outros. Mas não é menos certo que as referidas trovas não lhe fazem mal nenhum. Lá porque o sr. Marianno é reles na imprensa, não ficam os outros auctorizados a sê-lo também. Pelo contrario, devemos sempre evitar em nós aquillo que censuramos nos outros. E a verdade é que as trovas estão escriptas n'uma linguagem tão indecente, n'uns termos tão chulos, que repugnam. O sr. Urbano de Castro perdeu a partida.

De resto, ficámos na duvida se o sr. Urbano de Castro terá mais auctoridade moral de que o sr. Marianno de Carvalho. Em que pergaminhos de pureza se funda o sr. Urbano para tratar tão desbragadamente o sr. Marianno de Carvalho? Que o diga quem os conhece. Nós o que dizemos é que o sr. Marianno sequer ao menos tem talento. O sr. Urbano de Castro nem isso.

Na apreciação do desafio não entrámos. Apenas diremos que se o sr. Alpoim deitar as costas abaixo ao sr. Urbano, tem cumprido dignamente o seu dever. O sr. Urbano tem a mania dos duellos, de que sahio sempre sem

tes e carregadas de filhos, não quiseram receber sósnhas uma pequena quantia que lhes foi distribuida; exigiram que entrasse na partilha a viuva de um pobre invalido, o que impediu a explosão da Bastilha, e que foi morto por desprezo. A mulher do sitiado foi assim como que adoptada pelas mulheres dos sitiados.

Dias inolvidaveis! Quem sou eu, que me atrevo a descreve-los? Não sei ainda, não saberei nunca como osui reproduzil-os. A inercivel felicidade de achar isto tão vivo, tão ardente, depois de sessenta annos, encheu-me o coração d'alegria heroica e como que me embriagou o papel com as lagrimas que verti.

Estaes salva, oh França! Estaes salvo, oh mundo! Vejo no cou em que esperava ha tanto tempo, o meu joven clarão, a luz de Joanna d'Arc... Que me importa que de rapariga se convertesse n'um mancebo, em Hoche, Marceau, Joubert ou Kléber!

Grande epocha, momento sublime, em que os homens mais guerreiros são os homens mais pacificos! Em que o Direito, tanto tempo chorado, se encontrou por fim! Em que o Perdão, em nome de qual a tyrannia nos esmagou, surge enlaçado, identico á Justiça!

MICHELET.

maioria, tenho um prazer intimo em não as occultar

Vê, seu Magalhães? Ora para que havia v. ex.ª de envolver o sr. Consiglieri Pedroso n'estas cousas? Vê que o sr. Consiglieri Pedroso não é tal parlamentar distincto, porque *intransigencia é palavra que deve ser riscada da politica?* Vê que é um farçante de tal ordem na opinião do sr. Loureiro que escrevia *para adquirir applausos da ingenuidade popular?* Vê que é um hypocrita tamanho que não era capaz de *escrever palavras que desagradassem á maioria?* Ora então veja lá se tem juizo e no domingo fallaremos.

1820

A conspiração de 1817, reprimida e castigada atrozmente pelo pulso de Beresford, segunda-do pelas machinações sanguinarias dos governadores do reino, havia espargido as suas sementes pelo solo da patria. As ideias liberaes iam germinando e avigorando-se solapadamente, a despeito dos esforços e das pesquizas da intendencia. O sangue generoso dos primeiros martyres já não apavorava os excelsos iniciadores da revolução; ou até nos proprios mões das victimas elles iam saturar-se de alento para encaminhar com denodo a nova empresa. Os jornaes e as publicações estrangeiras, divulgando os principios da revolução franceza, invadiam o reino. A maçonaria criava novas raizes, angariando neophytos e crentes.

Ao lado d'estes elementos, que decidiam a uma differente ordem de cousas, accrescia também a penuria do thesouro e a escassez sempre viva dos generos de primeira necessidade, que era mister importar de fora. O commercio e a industria debatiam-se n'um estiolamento funesto, absorvente. O povo, ignorante, beato, inerte e bestializado era uma massa ronceira, sem discernimento nem intuição, oscillando estupidamente á mercê dos caprichos e selvagerias dos governantes. O rei, um poltrão soez, e a corte uma recua de fidalgos pedantes, ignaros e valdevinos vegetavam nas paragens de Sancta Cruz, e pela ineptia e pelo ridiculo, iam abrindo a porta á independencia do imperio.

E n'estas condições, sepulto o paiz n'uma morbidez asphyxiante, estava incondicionalmente disposto para tudo, tanto para o bem como para o mal, como mais ao diante se observou. Surgiram então os apóstolos eloquentes e os paladinos entusiastas, que n'um abrir e cerrar d'olhos fizeram

uma revolução pacata, jovial, sonora, unanime.

O povo gostou, pasmou e applaudiu. Tinham-lhe dado a liberdade sem elle a entender nem a ter pedido. Aceitou-a, como quem accieita um diamante em bruto, de que desconhece o valor. A nação rejubilava, pois. Dávam-se vivas á liberdade e á sancta religião, ao sr. D. João VI e á nação.

Simultaneamente decretava-se uma constituição quasi republicana, ou ainda mais do que isso para aquelle tempo. O rei ficava sendo nada; até o *veto* foi eliminado. As congregações religiosas apanhavam dois açoitos á ligeira, e a inquisição teve ordem de encerramento. Emfim tinha-se feito uma revolução sem disparar um tiro, sem a mais leve macula de sangue.

Sancta ingenuidade a dos revolucionarios de 20, que somente por um esforço repentista, sonhavam extrahir d'um edificio irregular e desconjunctado uma grandiosa aposentadoria liberal.

A obra da revolução tendia a obliterar-se, batida em toda a linha. Faltava-lhe a unidade e a firmeza. A sinceridade e o patriotismo dos seus mais distinctos caudilhos eram insufficientes para a consolidar; e se o patriotismo a guindou, a sinceridade a perdeu de todo. Porque não é só com proclamações, discursos e bem querer que uma revolução triumphá; é preciso mais alguma cousa que a auctoridade e saber d'um João das Regras; é urgente e indispensavel o prestigio heroico d'um Nuno Alvares para acajar o absolutismo revolto e o ardor brutal das massas, concitadas pelos frades e pela aristocracia tonta da epocha.

Nas primeiras côrtes da liberdade portugueza destacava-se o que havia de mais conspicuo em talento, saber, oratoria e ideologia. Era um parlamento apto para fecundos emprehendimentos e sabias leis; mas faltava-lhe o imperio da força para patrocinar e fazer cumprir as suas ordenanças. E uma cousa sem a outra não tem vida estavel e regalada; e muito principalmente n'aquelles tempos, em que a imposição das bayonetas e a voz do canhão eram os arbitros supremos nas contendas dos povos.

A revolução não vingou então; e a liberdade velou a face por largo tempo, para assomar depois serena e radiante no horizonte do velho Portugal.

PONCE LEÃO BARBOSA.

CONGRESSO DOS LIVRES-PENSADORES

Publicámos em seguida a carta que nos dirigiu a Associação

Propagadora do Livre Pensamento com as informações que a seguem. Recebemos junctamente uma circular em francez, impressa, que não traduzimos por ser demasiado extensa e porque vae perfeitamente resumida nas explicações abaixo publicadas.

Os leitores, costumados ás republicanices do sr. Magalhães Lima e do sr. Ernesto e quejandos, não fazem talvez idéa no geral do colossal movimento anti-clerical que vae no estrangeiro. Mas para que a façam completa bastará apenas que reparem no trecho da circular que vamos transcrever:

«Como nos annos anteriores e particularmente como no ultimo Congresso d'Anvers, que foi um incontestavel successo, podemos desde já contar com a adhesão e assistencia de numerosas sociedades de livres pensadores de todos os paizes, e de pensadores eminentes, de escriptores de fama, de philosophos distinctos e sabios illustres, quasi todos membros do nosso Conselho Geral, como: na Inglaterra Besant, Holyoake, Bradlaugh, Foot, Dr. Aveling, professor Huxley, Herbert Spencer, Dr. Maudsley; na França, Morin, Dr. Letourneau, Dr. Albert Regnard, E. Bergerol, A. Hovelague, A. Lefevre, Th. Ribot, P. Topinard, Wyruboff, Yves Guyot, Paulhan; na Italia, Moleschott, Lombroso, G. Bovio, E. de Marinis, F. Borsari, Colajanni, G. Caracciolo, Ferri, Carducci; na Suissa, Karl Vogt, Roorde van Eysinga, dr. Löwenthal, dr. A. Herzen; na Allemanha, E. Hæckel, Dr. L. Büchner, Dr. Schlæger, Aug. Specht; nos Paizes Baixos, Dr. Hartogh Iley, van Zouteveen, Douwers Dekker, professor Frowain, T. Domela Nieuwenhuis, Dr. Muller; na Dinamarca, Brandes; na Hespanha, Dr. Gabarro y Borrás; na Grecia, Pharnacopoulo; nos Estados da America, Cooper Bristol, o coronel Ingersoll, Dr. Stiebeling, professor Rawson; no Hindostão, Appatboray Chetti; na Belgica, Arnould, Greef, Potter, Féron, P. Janson, Eug. Robert e o professor Pergameni.»

Huxley, Spenser, Maudsley, Letourneau, Lefevre, Topinard, Guyot, Moleschott, Vogt, Hæckel, Büchner, Muller, isto é, todos os chefes do moderno movimento scientifico, todos os grandes genios europeus, todos os grandes talentos da humanidade, na brecha a combater pela libertação do espirito humano de todos os preconceitos religiosos! E em Portugal uns republiceiros, um Magalhães Lima, um Ernesto, uns idiotas a guerrear os que na sua humidade procuram secundar os esforços d'aquelles grandes sabios! Já não fazem rir, mettem nojo. Sempre a ignorancia é muito atrevida!

esse era arrastado para fóra, agarraram nos outros dois e penduraram-nos no lampeão da esquina da rua Vaunerie, defronte do Hotel de Ville.

Este grande movimento, que parecia ter feito esquecer Flesselles, foi todavia o que o perdeu. Os seus implacaveis accusadores do Palais-Royal, pouco numerosos, mas descontentes de ver a multidão occupada com outros negocios, não sabiam do *bureau* e ameaçavam-n'o e intimidavam-n'o a segui-los... Acabou por ceder, ou porque uma tão longa espera da morte lhe parecesse peor do que a propria morte, ou por que esperasse escapar por entre a preoccupação universal do grande acontecimento do dia. «Pois bem, senhores, exclamou, vamos ao Palais Royal!» Ainda não tinha chegado ao caes quando um mancebo lhe despedaçou o craneo com um tiro de pistola.

A massa do povo accumulado na sala não podia sangue; via-o correr com pasmo, diz uma testemunha ocular. Contemplava de bocca aberta este prodigioso espectáculo, esquisito, estranho, capaz de enlouquecer. As armas da idade media e as de todas as epochas misturavam-se; estavam alli presentes os seculos. Elie, em pé em cima de uma mesa, de capacete na cabeça e espada na mão, parecia um guerreiro romano. Estava cercado de prisioneiros e pedia por elles. Os guardas francezes também imploravam o perdão dos infelizes, como unica recompensa para elles.

Nesse momento introduziram um homem seguido d'uma mulher; era o

principe de Montbarrey, antigo ministro, detido nas barreiras. A mulher desmaiou; o homem lançou-se para cima d'uma secretaria dobrado em dois pelos braços musculosos d'uns poucos de homens... O pobre diabo, n'esta singular posição, explicou que já não era ministro ha muito tempo, que seu filho tinha tido grande parte na revolução da sua provincia... O commandante De la Salle advogava a causa do velho e expunha-se muito por elle. Entremettes largaram-no um pouco. De la Salle, que era muito forte, arrebatou o desgraçado... Este *coup de force* agradou ao povo que o applaudiu.

Nesse mesmo instante o bravo e excellente Elie descobriu meio de acabar por uma vez com todos os processos e julgamentos. Descobriu as creanças de serviço na Bastilha e principiou a gritar: «Perdão, perdão para estas creanças!»

Verieis então aquelles rostos tostados, aquellas mãos negras da polvora, começar-se a lavar de lagrimas que corriam como grandes gotas de chuva depois da tempestade... Ninguém fallou mais em justiça nem em vingança. O tribunal estava fechado. Elie tinha vencido os vencedores da Bastilha. Obrigaram os prisioneiros a jurar fidelidade á nação e levaram-n'os consigo: os invalidos foram pacificamente para o seu quartel; os guardas francezes levaram os suissos e deram-lhes alimento e cama nas suas proprias casernas. As viúvas, cousa admiravel! mostraram-se tão magnanimas como os homens. Indigen-

a Bastilha, quem o podia conseguir?... Uma auctoridade que datava d'uma hora, que mal vinha da Grève, que não era mesmo conhecida senão dos dois pequenos grupos da guarda avançada, não podia conter cem mil homens que vinham atraz.

A multidão estava raivosa, cega, embriagada com o seu proprio perigo. Entretanto não matou senão um homem na praça; poupou os seus inimigos os suissos, que por causa dos casacos tomava por creados ou presos, e feriu e maltratou os seus amigos os invalidos. O que ella queria era exterminar a Bastilha; quebrou ás pedradas os dois escravos do relógio; subiu ás torres para insultar os canhões.

Correu-se aos calabouços libertar os presos; dois tinham enlouquecido. Um, assustado com o barulho, queria-se defender; ficou muito surprehendido quando os que arrombaram a porta se lhe lançaram nos braços chorando. O outro, que tinha a barba até á cinta, perguntou como ia Luiz XV; julgava que reinava ainda. Aos que lhe perguntavam o nome respondia que se chamava o major da Immensidade.

Os vencedores não tinham acabado; sustentavam na rua de Santo Antonio um outro combate. Avançando para a Grève, encontravam successivamente grupos de homens, que, não tendo tomado parte no combate, queriam todavia fazer alguma cousa, pelo menos massacrar os prisioneiros. Um foi morto na rua de Tournelles, outro no caes. As mulheres que vinham reconhecer os ma-

ridos entre os mortos, corriam desgueldadas atraz dos assassinos; uma d'ellas, espumante, pedia a todo o mundo que lhe dessem uma face.

De Launey era levado e seguro n'aquelle grande perigo por dois homens de coração e força pouco vulgar, Hullin e um outro. Este ao chegar ao Petit Antoine foi arrebatado por uma onda de povo. Hullin não largou a presa. Conduziu um homem d'alli á Grève, apesar de ser tão perto, era mais difficil que os doze trabalhos de Hercules. Não sabendo que fazer e vendo que só se conhecia De Launey por uma coisa, por ir em cabello, teve a ideia heroica de lhe pôr o seu chapu na cabeça; e d'ahi por deante começou a receber os golpes que eram dirigidos ao outro. Passou emfim a Arcade-Saint-Jean; se o fizesse chegar ao patamar, subir a escada, estava tudo salvo. A multidão também via isso e portanto empregou por seu lado um ultimo esforço. A força de gigante que Hullin tinha desenvolvido não lhe serviu aqui. Estreitado pela enorme serpente popular faltou-lhe o pé e cahiu. Levantou-se duas vezes; á segunda viu no ar, na ponta d'um chaço, a cabeça de De Launey.

Outra scena se passava na sala Saint Jean. Os prisioneiros estavam alli em grande perigo de morte; a raiva era grande contra tres invalidos principalmente, que se julgava terem sido os artillheiros da Bastilha. Um estava ferido; o commandante La Salle por inauditos esforços, invocando o seu titulo de commandante, chegou a salva-lo; enquanto

uma arranhadura. Ora é tempo de acabar com tanto duello ridiculo. O duello é perfeitamente admissivel em certos casos, mesmo o ultimo recurso em determinadas occasiões. Fora d'isso e com certos individuos é muito melhor substitui-lo por:— *uma boa quebradella d'um braço. E' mais simples e mais rijo.*

—Solemnizou-se no dia 24 no club *Fernandes Thomaz* o anniversario da revolução de 20. Não fomos lá, está claro; nunca vamos a essas chafaricas, não obstante o club *Fernandes Thomaz* merecer as sympathias de todos pelos seus serviços á instrucção. Mas em politica é tudo a mesma choldra. Diz, porem, o *Seculo* que todos os oradores frisaram a disciplina e a união de que tanto carece o partido republicano. E' mentira. O sr. Magalhães Lima, por exemplo, não fez senão lamentar-se por dizerem d'elle isto e aquillo. A lagrima é livre. Ora agora é verdade que as cartas recebidas na reunião alludiam quasi todas á necessidade d'essa disciplina. Não deixa, por exemplo, de ser curiosa a carta do sr. Martins Velho, amigo, companheiro e solidario em principios do sr. Ernesto Loureiro.

Diz elle: «estas commemorações são um laço periodico que *devera* unir n'um commum elo federativo de confraternidade, todos os clubs e todos os grupos em que se divide a Democracia Portuguesa. Precisamos oppor uma força superior á monarchia, a que resulta d'uma ideia generosa, salvadora, *unanimemente* partilhada por todos os luctadores, sem distincção de escolas. Essa força tão indispensavel no momento actual só a podemos achar na união íntima de todos os grupos republicanos, que só unidos podem ser temidos e inspirar confiança á maioria da nação. Oxalá todos os nossos correligionarios se convencessem de que só da união íntima de todos os grupos, podemos colher a força de que tanto carecemos.»

Ora isto não é comnosco, quer dizer comnosco radicaes, federaes ou socialistas porque nós todos lá para elles não somos correligionarios, nem somos republicanos. Mas se não é comnosco, com quem diabo é? Serão as divisões no partido republicano infinitas como o espaço e innumeraveis como as estrellas? Mas se é comnosco, se nós já voltámos a ser republicanos e a ser correligionarios, como diabo se dá o caso de nós incomodarmos tanto o amigo d'aquelle senhor que ainda n'outro dia nos dava como um grupo d'uma só pessoa? Mas se é comnosco, como diabo appella tão fervorosamente para nós o amigo d'aquelle senhor que *mandava* aos seus correligionarios que nos deitassem ás gemonias politicas, em nome da *salvação publica*? Ou será agora a *Verdade* de Thomar um foco permanente de dissidencias? Vão lá sabê-lo. Tudo pelo amor de Deus e tudo para rir.

De resto o sr. Martins Velho tem razão. A união é precisa, é! Mas o que falta esclarecer por parte de suas excellencias é quem dividiu o partido e quem se oppõe á união. Ahi é que está o busilis. *União* para elles é obediencia passiva ás suas determinações, silencio perante os seus actos, o cre do alkorão ás suas palavras. E' a união que elles reclamam com tanto fervor. E assim, é tão impossivel conseguila, como ir á lua n'este instante. Se porem a quem n'outras bases, então ás ordens quando lhes agrade. E' dizê-lo só.

—Morreu em Cintra o sr. Mendes Leal. Os jornaes tecem-lhe grandes elogios. Um até ousou chamar-lhe a primeiro litterato depois de Garrett. Ora o facto é que o sr. Mendes Leal possuia muito pouco talento. Um bom facheiro, nada mais.

—O rei lá anda na *borga* de vento em popa. O principe divertte-se. A rainha continua a rece-

ber os cumprimentos dos *republicanos illustres.*

Y.

NOTICIARIO

O Povo de Aveiro vende-se em Lisboa na Nova Livraria Internacional—rua do Arsenal 98, 100.

Continua enfermo o nosso prezado amigo sr. Francisco de Pinho Guedes Pinto, escrivão da camara. Anhelamos-lhe do coração todas as melhoras.

Falleceu em Ouca o sr. dr. Jose Nunes de Oliveira, caracter serio e integerrimo, que soube captar os respeitos de quantos o conheciam. A sua morte foi muito sentida principalmente no concelho de Vagos.

Acompanhâmos na dôr a familia do malogrado cidadão.

Esteve na terça feira em Aveiro o sr. Alfredo Pereira, inspector dos correios. Este funcionario veio a esta cidade em consequencia d'algum se ter queixado superiormente de que os distribuidores haviam feito *parade* para não ensinarem a fazer serviço ao novo fiel do correio, que é filho do substituto do governador civil.

Não sabiamos que aos distribuidores do correio competia ainda essa attribuição, julgando que isso era da exclusiva competencia do sr. Prazeres, e que o serviço d'aquelles funcionarios se limitava a distribuir a correspondencia e a auxiliar o serviço da repartição competente mas sempre sob a vigilancia e responsabilidade dos seus superiores.

Vemos, porem, que nos enganâmos, visto que o sr. Prazeres se socorre dos distribuidores para instruirem o novo fiel no serviço inherente a este empregado; pois a não ser assim, o sr. Prazeres não tentaria compellir aquelles seus subordinados a ensinar o sr. Fernando de Vilhena.

Ignoravamos que os carteiros tinham mais esse trabalho. Mas, francamente, se bem que de taes auxilios, nenhum deslustre derivava para o sr. Vilhena, o mesmo facto desprestigia o sr. Prazeres, e ao proprio sr. Alfredo Pereira não devia elle passar sem reparo, porque as bases da queixa peccavam por essa desastrosa leviandade.

Falleceu na terça feira no hospital um soldado do regimento de cavallaria 10, victima d'um coice d'um cavallo.

O infeliz foi acompanhado até á sepultura pelos seus camaradas, havendo as descargas do estylo.

Vão ser arrematadas as barracas que serviam de posto de vigia para a fiscalisação do imposto do sal.

Porque não seria annunciada a venda da barraca da Gafanha? Andará por aqui alguma compadriche? Estaremos d'atalaya.

E' que o local é agradável, e o edificio presta-se a outras serventias alem da para que foi levantado.

E' já bastante o milho novo que apparece no mercado, regulando o seu preço por 380 réis cada vinte litros.

A colheita cerealifera é esperançosa. Milhos e trigos estão no geral bem creados, calculando-se, não obstante, que o producto é inferior ao do anno passado.

No entretanto o estado agricola é bom.

De uvas ha escassez. Das que nasceram que eram muitas, uma grande parte d'ellas foi destruida pelos nevoeiros.

Melancias abundam no mercado e a preços regulares.

Para gosar as férias já retiraram á sua casa de Serem os nossos amigos srs. Augusto Rodrigues da Silva Reis e seu irmão.

Que se divertam muito é o que lhes desejâmos.

Foi hontem á scena no Theatro Aveirense, por um grupo de curiosos d'esta cidade, o drama *O Anjo da Caridade*, de Fernando Vilhena.

O producto liquido do espectáculo reverte em favor das victimas do incendio da Torreira.

A quadra tornou-se mais propicia para a produção do sal. O resultado é agora compensador de tão penoso trabalho. O movimento é bastante, e o sal é cotado por 22\$000 rs. o barco.

Com as férias da epocha fecharam os nossos estabelecimentos d'instrucção official e particular.

Treguas ao livro, para recolher a penates e refazer o espirito das canceiras academicas, tonificando-o nas salsas ondas ou nas caçadas pelas serranias alpestres ou pelos prados verdejantes dos valles.

Nós cá ficâmos amarrados á monotonia da banca, e da caixa typographica.

Dos naufragos do hiate *Ascensão* arrolaram trez ao littoral da Figueira, proximo a Quiaios. Por enquanto não ha noticia de haver apparecido mais nenhum d'aquelles infelizes.

O casco do *Ascensão* e todo o visto e não visto foi arrematado por 105\$000 réis. O navio acha-se ainda na praia, de quilha voltada.

O nosso respeitavel collega do *Comimbricense* sr. Joaquim Martins de Carvalho vai pedir ao governo uma portaria para dispensa de idade a seu neto Fernando, a fim d'este poder entrar na Universidade. O intelligente academico tem apenas 14 annos e feitos todos os preparatorios para admissão ás aulas superiores.

Gloriosa precocidade.

Fomos visitados pela *Voz do Tua*, bi-semanario democratico, que nasceu em Mirandella. A sua redacção é composta de individualidades sobejamente conhecidas na propaganda do credo republicano.

Saudâmos cordealmente o novel collega, desejando-lhe uma vida longa e prospera.

O ministro da guerra, no seu regresso a Lisboa, não deu importancia aos chefes da Granja n'esta cidade. Passou ahi, muito calladinho, todo recato, com medo d'alguma recepção.

Seria modestia, ou enfado pelos correligionarios?

A *Epoca* será o titulo d'um jornal que no proximo mez de dezembro deve sahir á luz em Lisboa. O novo collega destina-se a orgão da agricultura portugueza.

Deu na quarta feira entrada na cadeia um pobre rapaz d'Arada que contundiou com uma pedra um seu companheiro de trabalho nas obras do quartel de Sá. O preço tem ataques de gôtta que lhe produziram uma affecção cerebral. E' manso, mas quando o provocam enfurece-se e é mau. Na prisão mostrou-se inquieto e turbulento. Foi solto no mesmo dia.

A camara de Barcellos delibrou instituir uma bibliotheca municipal, para a qual já possui um bom numero de livros, embora alguns de pouco merecimento e quasi todos inadquados para a instrucção do povo em geral. Parece que o pensamento d'aquelle se-

nado é crear uma bibliotheca verdadeiramente popular, onde o advogado, o professor, o estudante, o artista, o comerciante, o industrial, o agricultor, enfim, todos os que trabalham, possam ir beber os conhecimentos mais uteis para melhor se desempenharem das suas funções e dos officios e misteres em que se occupem.

Louvavel iniciativa. Assim a camara d'Aveiro tivesse e realizasse d'aquelles pensamentos; mas supponho que não tem *miolo* para tanto.

O *Diario de Annuncios*, de 9, de Ponta Delgada, escreve da chegada a S. Miguel do nosso illustrado conterraneo sr. dr. Julio Pereira de Carvalho e Costa:

De Aveiro, onde foi visitar seu venerando Pae, chegou hontem no *Açor* o sr. Julio Pereira de Carvalho e Costa, digno delegado do procurador regio n'esta comarca.

S. ex.ª foi abraçado no caes por numerosissimos amigos, que o foram esperar, dirigindo-lhe as mais cordeaes felicitações pelo seu regresso.

Nós que tambem somos honrados com a amizade de s. ex.ª felicitamol-o jubilosos.

Uma pobre mulher, de nome Carolina Roza de Jesus, de Santa Cruz do Bispo, concelho de Bouças, deu á luz trez creanças, que apresentam um aspecto robusto. A parturiente falleceu depois, deixando 10 filhos orphãos, visto que já tinha sete quando nasceram aquelles.

Foi condemnado por innavegavel o hiate portuguez *Adelia*, que tinha arribado ao Fayal com agua aberta no dia 24 do mez findo.

Refere a *Voz do Tua* que a camara municipal de Villa Flor recusou receber a quantia de reis 100\$000, cedidos por sua magestade a sr.ª D. Maria Pia do cofre dos inundados para serem distribuidos pelos povos d'aquelle concelho que mais soffreram com os estragos da ultima trovoadá no limite da mesma villa e muitas aldeias do concelho. Realmente custa a crer que se offerte tão mesquinha quantia para uma desgraça tamanha, accrescenta o collega.

Vão-se desprendendo as azas do *Anjo da Caridade*, azas que o sr. Bordallo prendeu com alfinetes no defunto *Antonio Maria*. O cofre dos inundados é uma mina que a caridade da sr.ª D. Maria Pia vai exaurindo com applauso da sua imprensa.

O gabinete está em maré de infelicidades.

O «Diario do Governo» publicou um decreto com data de 12 do corrente, approvando o regulamento do processo perante os tribunales administrativos, no qual se lê uma assignatura falsa.

Aquelle decreto traz a assignatura do rei, que em 12 do corrente não estava em Portugal, e que portanto o não podia assignar.

No mesmo dia, de tarde, sahio um supplemento ao «Diario do Governo», em que se declara que o decreto a que acima nos referimos sahio com assignatura falsa, devido a... um erro de copia.

A imprensa ministerial mais prudente cala-se; a irrequieta accode em defeza da choldra com uns argumentos peregrinos.

O que é, porém, incontestavel é que tudo isto anda ao rumor do mais typico desleixo.

O facto só tem a importancia de mostrar ao paiz uma pequena amostra do seu estado.

A *Gazeta Agricola de Santarem*, relata que no tribunal de Lião, em França, acaba de ter logar o julgamento d'um proprietario vinicola, d'um vendedor e d'um preparador de materia corante. Tres negociantes tinham com-

prado na mesma adega varias porções de vinho, que reconheceram colorido artificialmente, dando d'isso conta immediatamente ao tribunal respectivo denunciando o proprietario onde o haviam comprado.

Interrogado o proprietario confessou a fraude e por seu turno indicou os nomes dos individuos que lhe haviam fornecido as drogas empregadas na manipulação fraudulenta.

O tribunal condemnou em vista das provas condensadas no respectivo processo, e reconhecendo a boa fé dos negociantes, em oito dias de prisão e a dois mil francos de multa o proprietario e a confiscação e destuição dos vinhos apprehendidos, e em tres mezes de prisão e a mil francos de multa, o vendedor das materias colorantes, e a quinze dias de prisão e mil francos de multa ao preparador das cores, sendo a sentença publicada nos jornaes da localidade e affixada nas portas das administrações das suas residencias.

Se por cá houvesse d'aquelle rigor, quantos taberneiros estariam na cadeia.

Em Santa Clara de Saboia, concelho de Odemira, realisou-se o registo civil do nascimento d'um filho do sr. Francisco Ferreirinha. Foram testemunhas, os srs. José Jacintho Paes e José Machado.

Em Angra do Heroismo tambem no dia 10 do corrente teve logar o registo civil d'uma filhinha do sr. Coelho Mandes, que recebeu o nome de Angelina.

As noticias sanitarias da Italia dadas pelos facultativos mais eminentes, concordam em affirmar que os phenomenos da epidemia colerica que actualmente se manifestam em algumas localidades, fazem presumir que o contagio se não propagará, e que o cholera d'este anno pode considerar-se como uma manifestação final dos germens que produziram os grandes estragos do anno passado e do anterior.

Cresça, pois, o monte, porque a opinião medica auctorisa-o com previsões tão lisongeiras.

«Publicou-se o n.º 309 da excellente revista lisbonense *A Bandeira Portuguesa*, jornal dedicado á divulgação da musica entre as classes populares; trazendo sempre uma secção litteraria curiosissima pela rara energia com que trata varios assumptos de interesse publico. N'este n.º vemos um artigo em continuação dos «Escandalos da policia», chronica de theatros, etc. Na parte artistica vem uma mazarca do maestro hespanhol Varela Silvani, intitulada *Roza d'Alejandro*, de um novel primor de composição.

Assignatura, trimestre 700 rs. Assigna-se na rua dos Fanqueiros, 207 1.º, Lisboa.»

O valor do vinho exportado da ilha da Madeira, no primeiro semestre d'este anno, para os Açores e estrangeiro, foi de réis 377:373\$600.

COMMUNICADOS

Cadaval

Cidadão amigo redactor

Faltaria aos mais sagrados deveres da cortezia, e gratidão se não viesse por esta forma ou por outra qualquer agradecer a tantas pessoas que se interessaram pelas melhoras de meu filho; é já tarde que o faço, mas diz o dictado—vale mais tarde que nunca—fortes motivos, ou motivos de força maior, me obrigaram a isso; desculpem todos e a todos muito agradeço tanta dedicacão. Meu filho esteve ás portas da morte com um terrivel typho, de que ia

senão victima, e se não fora os cuidados e assiduidade do medico assistente, o ex.^{mo} sr. dr. Rocha que nem um só momento o desamparou, elle teria succumbido. Mil agradecimentos, pois, a este digno e habil collega, o ex.^{mo} dr. Pinto, medico no Bombaral, que com elle assistiu a primeira conferencia, e que tanto interesse mostrou ter pelo doente. Até o muito habil pharmaceutico o ex.^{mo} sr. Bahia mostrou esse interesse na doença do rapaz, que muitas vezes era elle proprio que trazia os remedios. A todos, repito, muitos agradecimentos, tanto meus como de meu filho, que se acha completamente restabelecido.

Pela publicação d'estas linhas lhe ficará immensamente grato e

De V. etc.

Camillo José Soares

Cadaval, 14 d'agosto, 1886.

DESPEDIDA

SIMÃO MONTEIRO DE CARVALHO & C.^a, tendo partido para a praia d'Espinho, onde foram abrir á filial da sua casa de modas, na forma dos annos anteriores, despedem-se dos seus numerosos clientes e amigos, offerecendo-lhes os seus serviços n'aquella praia, onde se conservarão por toda a epocha balnear.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Simão Monteiro de Carvalho & C.^a.

CONTRA A DEBILIDADE

Recommendamos o Vinho Nutritivo de Carne e a Farinha Peitoral Ferruginosa da Pharmacia Franco, por se acharem legalmente auctorisados.

Na administração d'este jornal vende-se:

Os assassinos do General Prim, e a politica em Hespanha, por Paul Angulo.— Preço 300 reis.

A questão social.— As bodas reais e o congresso republicano, por J. Carrilho Videira.— Preço 100 reis.

O Projecto de um programma federalista radical para o partido republicano portuguez, por Teixeira Bastos com um prologo por Carrilho Videira.— Preço 60 rs.

BIBLIOGRAPHIA

Republicas.— Sahiu o n.º 84 8.º da 3.ª serie).

Toda a correspondencia deve

ser dirigida a A. Barros, rua Nova do Carmo, 90, 1.º—Lisboa.

O Pastelleiro de Madrigal.— Recebemos o fasciculo n.º 41. E' editora a Empresa Noites Romanticas.

Assigna-se em Lisboa, na rua d'Atalaya, 18.

Os milhões do criminoso. Recebemos o fasciculo 37 d'este esplendido romance editado pela empresa Serões Romanticos.

Assigna-se na rua da Cruz de Pau, 26—Lisboa.

A Illustração Portuguesa.— Recebemos o n.º 6 do terceiro anno d'esta revista litteraria e artistica.

Assigna-se na Travessa da Queimada, n.º 35, 1.º andar—Lisboa.

RECLAMES

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, auctorisado pelo governo, e approvado pela junta consultiva de saude p. blica

É o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debéis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachtismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doenças aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debéis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.

Esta dose, com quaesquer bolachinhas, é um excellento «lunch» para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para aceitar bem a alimentação do jantar, e concluido elle, toma-se igual porção ao «toast», para facilitar completamente a digestão.

Para evitar a contrafacção, os envoltorios das das garrafas devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de junho de 1884.

Acha-se á venda nas principaes farmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na farmacia Franco, em Belem.

Deposito em Aveiro na farmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

Contra a tosse

XAROPE PEITORAL DE JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approvedo nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco, em Belem. Os frascos devem conter o retracto e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1884.

Deposito em Aveiro na pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

GENEBRA—MOREIRA & C.^a

CHAMAMOS a attenção de todos os srs. consummi-

dores para estas qualidades de genebra. E' a mais barata, a mais estomacal e a melhor até hoje conhecida.

Tem acolhimento geral em todo o paiz, e foi premiada na ultima exposição de Lisboa.

Deposito: Todos os estabelecimentos de mercearia e muitos outros no Porto.

Exija-se a botija e etiqueta com a marca (registada) Mor.^a & C.^a, e a rolha com a firma (fac-simile) dos fabricantes.

Contra a debilidade

FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO, unica legalmente auctorisada e privilegiada. E' um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradavel e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de appetite, em convalescentes de quaesquer doenças, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas edosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na pharmacia Franco, em Belem. Pacote 200 reis, pelo correio 220 r. Os pacotes devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

DEPOSITO em Aveiro, pharmacia e drogaria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

XAROPE PEITORAL DE MAYA

Muito util no tratamento das pneumonias. Combate de prompto as tosses convulsas e bronchites.

ANTI-RHEUMATICO DE MAYA

Com o uso de quatro a seis fricções d'este precioso medicamento, desaparecem immediatamente as dores nevralgicas, dores das juntas, e rheumatismo muscular.

Injecção d'Young

Remedio efficaz no tratamento das purgações tanto antigas, como modernas.

POMADA DO DR. MORAES

A mais efficaz para obter a cura das impigens, herpes, e muitas outras molestias de pelle.

Todas estas especialidades se encontram á venda na pharmacia de Francisco da Luz, & F.^o, em Aveiro, e na pharmacia Maya, em Oliveira do Bairro; aonde se satisfaz de prompto qualquer pedido tanto em grande escala, como em pequena, pelo correio.

Publicações litterarias

BIBLIOTHECA DO CURA D'ALDEIA

211, RUA DO ALMADA, 217—PORTO

O ULTIMO BEIJO

POR

HENRIQUE PERES ESCRICH

Está aberta a assignatura para este esplendido romance, que constará de 4 volumes, illustrados com magnificas gravuras de pagina.

No Porto a distribuição será feita semanalmente aos fasciculos de 48 paginas, e alternadamente uma gravura, sem augmento de preço, custando cada fasciculo 60 reis, pagos no acto da entrega.

Para as provincias a remessa será feita aos fasciculos de 96 paginas e uma gravura, pelo preço de 120 reis cada fasciculo, franco de porte.

Para fóra do Porto não se envia fasciculo algum sem que previamente se tenha recebido o seu importe.

A distribuição começará por todo este mez.

Distribuem-se prospectos e recebem-se assignaturas na livraria do editor Joaquim Antunes Leitão, rua do Almada, 215, para onde deve ser remetida toda a correspondencia, franca de porte.

Em Aveiro assigna-se na livraria do sr. David da Silva Mello Guimarães.

VICTOR HUGO

OS MISERAVEIS

Esplendida edição portuense, illustrada com 500 gravuras novas compradas ao editor parisiense

EUGÈNE HUGUES

A obra constará de 5 volumes ou 60 fasciculos em 4.º e illustrada com 500 gravuras, distribuidas em fasciculos semanais de 32 paginas ao preço de 100 reis, pagos no acto da entrega.

A casa editora garante a todos os individuos que angariarem 5 assignaturas, a remuneração de 20 p. c.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Livraria Civilização de Eduardo da Costa Santos, editor, rua de Santo Ildefonso, 4 e 6—Porto.

PUBLICAÇÕES DEMOCRATICAS

THEOPHILO BRAGA:— *Historia das Ideias Republicanas em Portugal*, desde 1640 até hoje, 600 rs. *Soluções Positivas da Politica Portuguesa*, 3 vols., 620 rs. *Curso de Historia da Litteratura Portuguesa*, 13500 rs. *Miragens Seculares*, poesia revolucionaria, 800, cart. para brinde 13000 rs.

TEIXEIRA BASTOS:— *Programma Federalista radical*, 60 reis. *A Marselheza*, texto, traducção, musica e retracto, 200 rs. *Comte e o Positivismo*, 200 rs. *Cathecismo republicano* para uso do povo, 120 rs. *Vibrações do Seculo*, poesia revolucionaria, 600 rs.

CARRILHO VIDEIRA:— *Liberdade de consciencia e o juramento catholico*, 120 rs. *A Questão social, as Bodas Reaes e o Congresso Republicano*, 100 rs. *Almanach Republicano* para 1886, XII anno, 120 reis.

PAULO ANGILO:— *Os assassinos de Prim e a politica em Hespanha*, 300 rs.

BIBLIOTHECA DAS IDEIAS MODERNAS:— *Obras de Drapper, Lubbah, Wurtz, Littré, Schmidt, Saylor, Moleschatt, etc.* 1.ª serie cart. 700 rs., os 10 vols. em br. 500 rs., cada um 50 rs.

Muitas obras de propaganda scientifica e republicana, allegorias da repu-

blica e retractos dos grandes homens. Envia-se os catalogos a quem enviar a importancia do porte a Carrilho Videira, rua do Arsenal, n.º 96, livraria, Lisboa.

ANNUNCIOS

HOJE E AMANHÃ

Ha na Gafanha petiscos que são d'arregalar o olho.

E' ir a casa de João Ferreira Martins.

Leccionista

Mendes Abreu, principia, em 15 de outubro proximo, a leccionar Mathematica e Introducção simultaneamente, ou qualquer d'estes preparatorios em separado.

Os alumnos que desejarem utilizar-se da leccionação, podem declarar-o até essa data na Pharmacia Ribeiro—Rua Direita—Aveiro.

BILHAR

VENDE-SE um, francez, de pau santo, em muito bom estado, com tacos, taqueira, trez bolas grandes, e cinco pequenas de jogar as russianas.

Quem pretender, n'esta redacção se diz.

Venda de Carro

ACHA-SE á venda um phaeton novo na officina dos irmãos Gammellas, na rua do Sol, d'esta cidade.

QUADRA BALNEAR

Fernando Homem Christo participa que no principio do proximo setembro estabelece a carreira do costume para a Barra, que durará toda a quadra balnear.

JOAO AUGUSTO DE SOUSA

COM OFFICINA DE SERRALHERIA

EM —AVEIRO—

FORNECE ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os systems, parafusos de toda a qualidade, ferragens estrangeiras, camas de ferro, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, etc.

SEMPRE TRIUMPHANTE!

AS MACHINAS DE COSTURA

DA

COMPANHIA FABRIL SINGER

Acabam de obter na Exposição Internacional de Salud, de Londres, a

MEDALHA D'OURO

O MAIOR PREMIO CONCEDIDO NESTA EXPOSIÇÃO E' mais uma victoria ganha pelas excellentes machinas de coser da COMPANHIA SINGER que se vendem a prestações de 300 reis semanais, sem prestação de entrada, e a dinheiro menos 10 por cento na

COMPANHIA FABRIL "SINGER,"

AVEIRO—75, Rua de Jesé Estevam, 9—7 (Pegado á Caixa Economica)

HISTORIA

DA

REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820

Illustrada com magnificos retratos dos patriotas mais illustres d'aquella epocha e dos homens mais notaveis do seculo XIX.

GRANDE EDIÇÃO PATRIOTICA

Valiosos BRINDES a cada assignante, consistindo em 4 magnificos QUADROS compostos e executados por professores distinctos de Bellas Artes. Os BRINDES distribuidos a cada assignante vender-se-hão avulsos por 50 mil reis.

A obra publica-se aos fasciculos, sendo um por mez. Cada fasciculo, grande formato, com 64 paginas custa apenas 240 reis sem mais despeza alguma.

No imperio do Brasil cada fasciculo 800 reis fracos.

A obra é illustrada com notaveis retratos em numero superior a 40.

Esta collecção de retratos, rarissima, vende-se hoje, quando apparece, por 12 e 15 libras.

A obra completa, que comprehende 4 volumes grandes não ficará ao assignante por mais de 103000 reis fortes.

Já se distribuiu o 1.º e o 2.º fasciculo d'esta obra notavel pela belleza dos retractos, pelo esmero da edição e pela competencia e elevação com que é escripta pelo conhecido escriptor José d'Arriaga.

Está aberta a assignatura para esta notavel edição em todas as livrarias de Portugal e Brasil e na

LIVRARIA PORTUENSE DE LOPES & C.^a—EDITORES

RUA DO ALMADA, 123—PORTO

Recebem-se propostas para correspondentes em todo o paiz e no estrangeiro.